

Augusto Nunes Filho

DO ESPELHO: A CAPT(UR)AÇÃO

"Eu o abstrato, eu o projetado écran"
Fernando Pessoa, Ficções de Interlúdio.

Este trabalho foi apresentado no Curso de Pós-Graduação em Letras, área de Literatura brasileira, na disciplina: A Narrativa Brasileira: a ficção fantástica, no 2º semestre de 1982.

I O olho / o olhar — de sua constituição pelo espelho

O olho vai olhar o olhar de onde emerge, à leitura, o momento de prazer, ato de revelação na escritura, do que, ao inscrever-se, só se sustenta pelo olhar. O olho aí está para que o ato do olhar seja reinventado sempre, ao desvelar a escritura: "... os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, de feitos com que cresceram e a que se afizeram, mais e mais"¹. Que se separe o olho do olhar, função e objeto distinto são. "Os olhos, por enquanto, são a porta do engano; duvide deles, dos seus, não de mim". (OE, p. 62)

É a partir da visão, que o olhar vai esboçar-se enquanto tal. "A maravilha é que, de seu órgão, o organismo pode fazer qualquer coisa"². O olho funciona como fonte a partir da qual a pulsão, enquanto olhar, se manifestará segundo seu desejo. Só há olhar quando o sujeito se sustenta de um desejo. A esse olhar, o

sujeito tenta se acomodar para não ser pura visão, função de imagens, registro puramente imaginário. A visão, cavalgada pela pulsão escópica, transfigura-se em olhar, perpassada já, pelo desejo.

O que é o olhar?

Pura oscilação como o mostra com mestria, o "espetáculo-dos-olhares"³ de "Las Meninas", espetáculo que, explorando o olhar em todas as suas possibilidades oscilatórias, "o que olha e o olhado permutam-se incessantemente"⁴, coloca-nos ante um impasse — "não sabemos o que somos nem o que fazemos. Somos vistos ou vemos?"⁵.

O que é o olhar?

"Basta compreender o estúdio do espelho como uma identificação..., a saber, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem..."⁶ para que se situe o quão fundamental se torna outra questão — o que é um espelho?

Estranha pergunta? O olho se dirige às coisas no exercício puro da visão. O olhar, não é só a isso que ele se restringe. Enquanto pulsão, tendo ultrapassado o registro da necessidade, torna-se desejante, desejante — ente de desejo — desejo que só podemos entender como do Outro, e que se dá inicialmente pelo espelho!

A pergunta — o que é um espelho? — que não se esqueça que nos limitamos ao capítulo dos espelhos planos e que se pense de imediato nas infinitas possibilidades por explorar; reinventar o espelho, significa lançar o homem em outras dimensões, impensáveis. No entanto, é pelo olhar que essa possibilidade poderá se dar.

2. O espelho /o sujeito — da capt(UR)ação do olhar
pela imagem do corpo

"Como é que o senhor, eu, os restantes próximos, somos, no visível? (OE, p. 61)

"O senhor crê-se com aspecto próprio e praticamente imudado, do qual lhe dão (os espelhos) imagem fiel ..." (OE, p.61)

Para que não se apavore, só fique surpreso, previno-lhe :

— "Nunca se deve olhar em um espelho às horas mortas da noite, estando-se sozinho. Porque, neles, em lugar de nossa imagem, assombra-nos alguma outra e medonha visão ... Que amedrontadora visão seria então aquela? Quem o monstro? (OE, pg.63)

O espelho se coloca como a possibilidade da reflexão toda do sujeito, não só enquanto manifestação especular do Imaginário, mas como possibilidade de manifestação no Real, do Simbólico enquanto Outro, amedrontadora manifestação do Inconsciente. É o insuportável da angústia que, remetendo à morte, se apossa do sujeito, partindo d'Isso, (7) desse monstro de Uma Outra Cena, Umheimilich por excelência — inquietamente estranho — "sendo talvez meu medo revivências de impressões atávicas?" (OE, p.63)

É na oscilação constitutiva do olhar que o sujeito tentará ocupar seu lugar — puntiforme, evanescente, inapreensível — lugar para o qual o sujeito endereça seu desejo enquanto pulsão do olhar, lugar imaginariamente perseguido, desesperadamente, como imagem fixa, imutável. Se há ênfase nessa denúncia, é exatamente para desvelar todo engodo do olhar, esse enganador, esse que engana-a-dor da percepção que, ao ser desnudada, evidencia todo o insuportável da angústia. "O senhor, como os demais, não vê que seu rosto é apenas um movimento deceptivo, constante" (OE p.64), movimento esse que é o do olhar, oscilação que se tenta fixar atribuindo ao rosto uma imagem definitiva, tenta-

tiva imaginariamente louca de aprisionar o olhar, impedindo seu movimento oscilatório constituente.

... comecei a procurar-me-ao eu por detrás de mim-ã to-
na dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume
frio (OE, p.63) O que se busca, então, é verificar,
acertar, trabalhar um modelo subjetivo, pré-existente;
enfim, ampliar o ilusório, mediante sucessivas novas
capas de ilusão (OE, p.64)

Essa busca, de pura ordem imaginária, não se sustenta, en-
quanto visão ilusória. É o olhar enquanto portador do desejo
pulsional que é perseguido, para que possa se dar a ultrapassagem
do ilusório da imagem. É aí que se situa o porém. Édipo via; mas
é quando seu olhar se constitui enquanto olhar que sabe — de
seu desejo — que seu destino selado, registrado, se manifesta
— torna-se cego. Esse é o momento que o espelho impede que acon-
teça e, ardidamente, "imaja-se" ante o olho, aprisionando-o
na visão. A estranha inquietude do Monstro — o desejo — há
que silenciar para que a angústia de castração se torne super-
tável, ao assumir o lugar deslocado, substitutivo do sintoma.

3. O Espelho / O Texto - Da capt(UR)ação do olhar pelo corpo do texto

"Através do espelho parece que o tempo muda de direção e
velocidade..." (OE, p.63). Sim, para o atempo do Inconsciente
para onde se endereça o olhar que encontrando o espelho-barreira
do recalque só existe a criação de uma imagem, encobridora, ten-
tativa vã de fixidez, para ençobrir os mil traços do além da lâ-
mina, evitação tentada a qualquer custo para evitar um despe-
damento mortalmente ameaçador.

Guimarães Rosa no entanto envereda-se, penetra conhecimento
nisso enquanto "caçador do meu próprio aspecto formal", (OE, p.64).

ao tentar "devassar o núcleo dessa nebulosa — a minha vera forma" (OE, p.64), "movido por curiosidade, quando não impessoal, desinteressada; para não dizer e urgir científico. Levei meses." (OE, p.64)

É o olhar revelador que o sujeito-narrador tem dele mesmo que, revelando-lhe a dor, lança-o no espaço de busca e retorno — lugar de estranha inquietude — marco estruturante do texto rosiano. Do retorno do recalcado, desse estranho eu que se antepõe ao olhar denunciando o engodo da imagem, Guimarães Rosa se lança no retorno ao recalcado, na ultrapassagem do limiar — lâmina-espelho, barreira-recalque. Afinal, "ninguém se acha na verdade feio" (OE, p.63), e benevolentes somos conosco pois, o espelho, barrando a visão desse Outro se coloca como anteparo dele, permitindo que se-passe só o que uma solução, de compromisso, deixe ^aen^atrever-se.

É uma ultrapassagem, o que pretende Guimarães Rosa nessa tentativa da rearticulação originária, nessa volta ao momento fundamental onde a representação pulsional se destaca em representação-coisa e representação-palavra. É essa sua obsessão-que cada palavra seja dita como se o fosse pela primeira vez! Poderíamos transformar essa norma na sua lei, momento onde o Préconsciente nomeia plenamente, como se não houvesse barreira para impedir o que do Inconsciente brota — a representação-coisa.

Nesse empreendimento envereda-se por "experimentos" (OE, p.62) extremos

— conclui que, interpenetrando-se no disfarce do rosto externo diversos componentes, meu problema seria de submetê-las a um bloqueio 'visual' ou anulamente perceptivo, a suspensão uma por uma, desde as mais rudimentares, grosseiras, ou de inferior significado. (OE, p.64-65) Aprender a não ver (OE, p.65), olhar não-vendo (OE, p.65), alterar da visão, o modus de focar (OE, p.65)

tudo isso na tentativa de anular o engodo ilusório das imagens:
As componentes — animal/corpo, hereditário/constitucional, pai-
xões/pulsões — serão desmembradas, isoladas uma a uma, nesse
"penetrado conhecimento" (OE, p.61), até que,

um dia... Simplesmente lhe digo que me olhei no espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo liso, às várias, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física. Eu era-o transparente contemplador? ...Voltei a querer encarar-me. Nada. E o que tomadamente me estarreceu: eu não via os meus olhos. No brilhante e polido nada, não se me espelharam nem eles! Não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um ... des-almado? Então o que se me fingia de um suposto eu, não era mais que, sobre a persistência do animal, um pouco de herança, de soltos instintos, energia passional estranha, um entrecruzar-se de influências, e tudo o mais que na impermanência se indefine? (OE, p.66-67)

Esse momento, não é um momento de não-ser, que se atente bem; é um momento de ruptura radical com o sujeito da consciência, um momento de eclosão fantástica do sujeito do Inconsciente, momento de evanescente verdade, explicitado no texto rosiano — espelho onde texto e sujeito se reconhecem pelo olhar!

4. O Sujeito / O Texto - do (re)conhecimento do olhar pelo espelho

Pois foi que, mais tarde, anos, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, de novo me defrontei-não rosto a rosto. O espelho mostrou-me. Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância. Seu mínimo ondear como-via-me, ou já estaria contido em minha emoção? Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? Se quiser, infira o senhor mesmo. (OE, p. 67)
"Por aí, perdôe-me o detalhe, eu já amava ..." (OE, p.68)

É o narcisismo enquanto função que permite esse investimento, próprio da constituição de uma imagem, "a sua", que será o objeto primeiro ao qual a pulsão se dirigirá. É o movimento amoroso que traz de volta, pelo outro-imagem, o sujeito subtraído da cena.

O movimento narcísico deve ser entendido não limitado à face amorosa da moeda pulsional. Quando Tirésias alerta Narciso de que ele só viveria enquanto não se visse, ao se instalar a dialética amor/ódio, deve-se salientar que se não fosse pelo amor, a possibilidade de sua morte se encontraria no ódio.

Se, por exemplo, em estado de ódio, o senhor enfrenta objetivamente a sua imagem, o ódio reflui e recrudesce, em tremendas multiplicações: e o senhor vê, então, que, de fato, só se odeia é a si mesmo. Olhos contra os olhos. (OE, p.64)

O espelho, lugar de miragem narcísica, é colocado aqui como lugar ao qual podem se endereçar, amor e ódio, investimentos decorrentes do jogo pulsional. Se o amor, ao se constituir, enquanto narcísico, passa pelo registro do olhar, é também por ele que o ódio circula. "Soube-os: os olhos da gente não tem fim. Só eles paravam imutáveis no centro do segredo. Se é que de mim não zombassem, para lá de uma máscara. Porque o resto, o rosto, mudava permanentemente." (OE, p.64) É no narcisismo que sedará o reconhecimento, pela função que exerce o espelho, do texto e do sujeito. Como se situa o olhar, o olhar que do sujeito, perscruta-se no texto, na imagem, ilusória corporificação fantasmática do espelho?

No texto, figura-(s)e, na retórica — imagem que se transforma, pontuação textual que se modifica, transformações que se dão por uma variação mínima da incidência do olhar.

No sujeito, imagem possibilitadora da identificação — identificação — pelo reconhecimento do desejo do outro, pelo seu

olhar; identificação através da própria imagem, "matriz simbólica onde o eu se precipita de forma primordial"^[8], figura do eu por onde se coloca a possibilidade do acesso ao Simbólico.

A figura de retórica tanto quanto essa figura do eu, ambas direcionam-se a um movimento que vai de encontro ao despedaçamento — manifestação da pulsão de morte enquanto impossibilidade de qualquer significação — esfacelamento, quer do corpo em pedaços ou fantasmas, quer do texto em sílabas ou letras. Essa unidade figurativa, momento fulgurante de capt(UR) ação, sempre buscada no caminho, que leva em última instância à originária Ur; caminho percorrido sempre pelo desejo que, por sua manifestação própria, remete sempre a um enveredamento que leva mais além, nesse infindável remanso de águas que vai semeando buri-tis, tessitura infinita de significantes!

NOTAS

1. ROSA, J.G. O espelho. In: Primeiras estórias, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1978. Todas as citações referentes ao conto serão indicadas como OE.
2. LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979, p. 100.
3. FOUCAULT, M. Las meninas. In: As palavras e as coisas, Santos, Martins Fontes, 1981, p.19.
4. Idem, ibidem, p. 21.
5. Idem, ibidem, p.21.
6. L'ACAN, J. A função do espelho como formador da função do eu tal como é revelada na experiência psicanalítica. In: O sujeito, o corpo e a letra, Lisboa, Editora Arcádia, 1977, p. 22.

7. Tradução mais adequada para o termo alemão Es, sendo que, em português, usa-se habitualmente o termo latino Id, perdendo-se nessa tradução toda a possibilidade da reprodução dos jogos de linguagem da língua-fonte.
8. LACAN, J. A função do espelho como formador da função do eu tal como é revelada na experiência psicanalítica. In: O sujeito, o corpo e a letra. Op. cit. p. 22